

## RESUMO/ABSTRACT

### **QUEDA E ASCENSÃO EM *DESONRA* DE J. M. COETZEE**

Partindo do conceito de outremização, de Gayatri Spivak, que define o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro, e tendo em mente a relação entre Outro, colonizador, e outro, colonizado, (originária da teoria Lacaniana de formação do sujeito e apropriada pelos estudos pós-coloniais), este artigo pretende observar a relação entre as personagens David Lurie e Petrus de *Desonra* de J.M. Coetzee, 1999, a dicotomia Outro/outro nessa relação e a desconstrução dessa dicotomia no pós-Apartheid da África do Sul.

**Palavras-chave:** Outremização, Outro/outro, Pós-Apartheid, desconstrução, J. M. Coetzee.

### **RISE AND FALL IN *DISGRACE* BY J. M. COETZEE**

Bearing in mind the concept of othering, by Gayatri Spivak, that defines the process by which imperial discourse manufactures the other, and the relation between Other, colonizer, and other, colonized (originated from Lacanian concepts on the constitution of the subject and appropriated by post-colonial studies), this article intends to observe the relationship between the characters David Lurie and Petrus of *Disgrace* by J.M. Coetzee, its dichotomy Other/other and the deconstruction of this dichotomy in the South Africa's post-Apartheid context.

**Keywords:** Othering, Other/other, Post-Apartheid, deconstruction, J. M. Coetzee.



## QUEDA E ASCENSÃO EM *DESONRA* DE J. M. COETZEE

Lorena Sales dos Santos

Mestranda em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), DF  
lorenasantos1@uol.com.br

Após décadas sob o rígido regime segregacionista do Apartheid, a África do Sul enfrentou um período de desconstrução e reconstrução de suas relações sociais e raciais, passando por movimentações em suas estruturas que, podem ser vistas em analogia ao movimento geológico das placas tectônicas. Essas movimentações causaram certa destruição ao que antes se conhecia como África do Sul, mas ao mesmo tempo provocaram uma reacomodação no país, forçando a busca de novas alternativas e originando uma nova “paisagem”. Esse momento pode ser observado em *Desonra*, romance de 1999, do sul-africano J. M. Coetzee.

O Apartheid (palavra Africâner que significa separação) surgiu nos anos 30 e foi usado como slogan político do Partido Nacionalista nos anos 40. Como política, entretanto, seus indícios podem ser traçados ao começo da colonização branca na África do Sul. Após apenas 16 anos de colonização, a intimidade entre brancos e não-brancos na colônia do Cabo da Boa Esperança era considerada: uma “desgraça para a Holanda e outras nações cristãs” (apud George Shepperson, *Journal of African History*, in LEGUM et al, 1969, p. 483). Já em 1685, o casamento entre brancos e mulheres escravas libertas foi proibido, sendo esse talvez o primeiro ato oficial na direção de uma política de separação.

Apesar de brancos e não-brancos conviverem pacificamente à época, um sistema de castas foi erigido, desde o princípio, no que diz respeito à questão do trabalho. Para os colonizadores todo o

trabalho árduo era considerado trabalho para cafre<sup>1</sup>. Essa relutância em assumir qualquer trabalho pesado acabou se transformando em um “modo de vida”, com tabus, sanções religiosas e sociais que o justificavam. Com o passar de uma geração apenas, as bases para uma sociedade de mestres brancos e servos negros, de superiores e inferiores, de pessoas com privilégios natos e outras com deveres natos, haviam sido estabelecidas (id.ib, p. 483). O General Jan Willem Jansens, designado como Governador Geral da colônia batava do Cabo da Boa Esperança, em 1802, fez a seguinte observação a respeito dos colonizadores: “eles se descrevem como humanos e Cristãos, e os Cafres e Hotentotes como pagãos; e por acreditar nisso, se permitem tudo”<sup>2</sup> (tradução minha). Já próximo ao fim do século XVIII, uma descrição de um marinheiro holandês apontaria as características de um sistema social que perduraria e se fortaleceria cada vez mais durante o período do Apartheid: “Desde sua juventude, acostumado a chamar por escravos, ele (o Africâner) acredita estar elevado acima de todos e poder apenas ser obedecido...”<sup>3</sup> (tradução minha).

Apesar de suas bases remontarem ao início da colonização branca da África do Sul, foi com a eleição do Partido Nacionalista, em 1948, que o Apartheid passou de costume social a um conjunto de leis sistematizadas. Essas leis regulamentavam o que se convencionou chamar de “desenvolvimento separado” e foram, aos poucos, permitindo o controle de oitenta por cento do território sul-africano pela minoria branca, restringindo os contatos entre as raças, promovendo a segregação em espaços públicos, restringindo o acesso à educação e a determinados tipos de empregos aos não-brancos, isolando-os em bantustões com escassos recursos naturais. Durante o regime do Apartheid, a oposição ao governo branco foi severamente reprimida e os direitos humanos da população não-branca totalmente desrespeitados. Apesar da intensa repressão, grupos políticos negros resistiram ao regime, utilizando estratégias como greves, manifestações, sabotagem e violência. Em 1985, os governos dos Estados Unidos e da Grã Bretanha finalmente impuseram sanções econômicas seletivas ao governo da África do Sul, em protesto contra sua política racial. No início dos anos noventa, devido às pressões tanto internas quanto internacionais, o governo sul-africano começou a desestruturar o regime do Apartheid, libertando prisioneiros e promovendo reformas que culminaram com as primeiras eleições gerais livres, em 1994, quando Nelson Mandela foi eleito presidente (KWAME et GATES (eds), 1999).

---

<sup>1</sup> Palavra que em árabe, *kaffir*, quer dizer infiel e se refere aos não-brancos.

<sup>2</sup> “they describe themselves as humans and Christians, and the Kaffirs and Hottentots as heathens; and by believing in this they permit themselves everything.” (LEGUM et al, 1969, p. 483)

<sup>3</sup> “From his youth onwards, accustomed to call for slaves, he (the Afrikaner) believes that he is elevated above all and may only be obeyed...” (id.ib, p. 483)

É nesse contexto de pós-apartheid recente, em que antigas regras já não mais se sustentam, mas ainda sem novas e claras normas definidas, que se desenrola a narrativa de *Desonra* de J. M. Coetzee e em que será realizada a análise da relação entre as duas personagens David Lurie, branco e colonizador, e Petrus, negro sul-africano. Essa análise terá como base o conceito de outremização<sup>4</sup> e a relação Outro/outro, originária da idéia lacaniana de formação do sujeito (LACAN, 1998) que é transportada à relação Colonizador/colonizado nos estudos pós-coloniais. A proposta é apresentar o movimento de queda em desgraça<sup>5</sup> de David Lurie, apresentado como o Outro (Colonizador), e o processo de ascensão de Petrus, o antigo outro (colonizado), no contexto do pós-apartheid em que se passa o romance. Apresentando essas duas trajetórias, pretende-se também apresentar seu ponto de convergência, a inversão da posição de poder dessas personagens e o processo de revisão, reacomodação e reconstrução das relações sociais nesse momento da história da África do Sul.

O conceito de outro, como usado na atual teoria pós-colonial, tem como base a análise freudiana e pós-freudiana da formação da subjetividade, mais notadamente os estudos de Lacan referentes a essa área. O uso lacaniano do termo envolve uma distinção de “Outro” e “outro” que, apesar de parecer confusa, mostra-se extremamente útil para os estudos pós-coloniais. Segundo a teoria de Lacan, o “outro” (com letra minúscula) designa aquele que lembra o *self*, aquele que é descoberto quando a criança se vê no espelho e se descobre como um ser separado. Essa imagem é semelhante à criança a ponto de fazê-la reconhecer-se, mas é separada o suficiente para que ela tenha esperança de uma “maestria antecipada” sobre a imagem. Esse outro, na psicologia, é fundamental para a definição da identidade do sujeito. Nos estudos pós-coloniais, o conceito de “outro”, com letra minúscula, pode ser utilizado para designar o outro colonizado, marginalizado pelo discurso imperial e identificado por meio de sua diferenciação em relação ao centro, ao “ego imperial”<sup>6</sup> (ASHCROFT et al., 1998, p. 170).

Esse ego imperial, o Outro ou também chamado por Lacan de “grande–autre” (o grande outro), por sua vez, é aquele sob cujo olhar o sujeito adquire identidade. Esse Outro simbólico não é um interlocutor real, mas é parte de outros sujeitos, como o pai ou a mãe, que o representam. Nos estudos pós-coloniais, o Outro é comparado ao centro imperial, ao discurso imperial, de duas maneiras: a primeira, por fornecer os termos nos quais o sujeito colonizado adquire seu senso de identidade como ‘outro’, dependente; a segunda, por constituir a estrutura ideológica na qual o sujeito ideológico passa a entender o mundo. O discurso colonial localiza a subjetividade do colonizado sempre da perspectiva do Outro

<sup>4</sup> Othering, no inglês (ASHCROFT et al., 1998).

<sup>5</sup> Título original do livro em inglês.

<sup>6</sup> “imperial ‘ego’”

imperial. Entretanto, a ambivalência desse discurso pode ser observada no fato de os dois processos de “outremização” ocorrerem ao mesmo tempo, o Outro imperial sendo construído ao mesmo tempo em que se constrói o outro colonizado, este sendo visto tanto como um “filho” do império quanto como um sujeito primitivo e degradado do discurso imperial (id.ib, p. 170).

Para aprofundar a discussão quanto à relação dialética Outro e outro nos estudos pós-coloniais é fundamental que se detalhe o conceito de “outremização” acima mencionado. O termo Outremização foi criado por Gayatri Spivak em consonância com a distinção lacaniana entre Outro/outro e a relação dialética estabelecida no processo de sua formação. O termo define o processo pelo qual o discurso imperial fabrica os seus outros, ou seja, as diversas maneiras pelas quais o discurso colonial produz seus sujeitos (id.ib, p. 171).

Na dissertação de Mestrado, *Outremização e Revide de Colonizado e Colonizador em The Narrative of Jacobus Coetzee* (1974), de J.M.Coetzee, Elis Regina F. Alves ressalta a diferença semântica entre os termos alteridade<sup>7</sup>, que pressupõe diversidade, e outremização<sup>8</sup>, que envolve posições hierárquicas e a construção pelo discurso imperial. A autora menciona diversas estratégias utilizadas no processo de outremização que podem ajudar a intensidade esse processo ocorre e o contexto em que se passa a narrativa de *Desonra* de J. M. Coetzee, analisada a seguir. Entre essas estratégias, cita: a imposição da língua européia; a imposição da força física; o uso de um discurso depreciativo em referência ao sujeito colonizado; e a criação de estereótipos sobre esses sujeitos, relegando-os a uma condição inferior àquela do sujeito Colonizador. Fornece como exemplos desses estereótipos: as figuras do pagão, do canibal, do ser racialmente inferior, do degenerado sexual, etc. Todas essas estratégias, de maneira geral, e esses estereótipos, especificamente, carregam em si a ideologia da classe colonizadora e são, na verdade, usados como disfarce para o desejo de enriquecer do colonizador. Enxergando-se como o Outro, com letra maiúscula, civilizado, culto, superior em todas as formas, o Colonizador sente que as atrocidades cometidas em relação ao outro, colonizado, inferior, incivilizado e menor, podem justificar-se plenamente. Tendo, portanto, discorrido sobre os fatores históricos que culminaram no Apartheid, discutido os conceitos de outremização e a relação dialética entre Outro colonizador e outro colonizado, passaremos a seguir à análise, propriamente dita, do romance.

Em *Desonra*, é narrada a queda em desgraça de um professor universitário, David Lurie, demitido da universidade após uma queixa de abuso por parte de uma de suas estudantes. O professor muda-se para a casa da filha no interior da África do Sul, a África negra pós-Apartheid, tendo então que enfrentar não apenas sua queda, mas também a ascensão de uma nova África.

<sup>7</sup> *Alterity*, no inglês

<sup>8</sup> *Othering*, no inglês

Desde o início do romance, D. Lurie se mostra como alguém que não está disposto a mudar. Ele considera que: “É assim seu temperamento. Seu temperamento não vai mudar, está velho demais para isso. Está fixo, estabelecido. O crânio, depois o temperamento: as duas partes mais duras do corpo.” (COETZEE, 1999, p. 8). É justamente essa disposição em se manter imutável, esse desejo que tudo permaneça igual que faz com que ele reaja tão mal à queixa de abuso que lhe é feita. Lurie recusa-se a entender que seu comportamento com relação às alunas (era acostumado a ter casos com elas) possa acarretar um tipo de reação diversa daquela a que estava habituado, uma reação de indiferença no que diz respeito ao uso do poder como forma de sedução, à intimidação e ao abuso por parte de alguns professores em relação às alunas. Ele, então, se apegava à sua rigidez, à sua antiga visão de mundo e, nessa África do Sul em reconstrução, acaba sendo condenado pelas novas idéias, caindo em desgraça.

Nessa primeira etapa, já é possível observar sinais do apego de D. Lurie aos velhos tempos e às velhas normas, uma tentativa de manter a posição de poder e a tranqüilidade de Colonizador, Outro, que havia usufruído no passado. Quando de sua audiência na Universidade, recusa-se a redigir um pedido de desculpas, uma formalidade segundo os colegas, que resolveria a questão, proporcionando-lhe a manutenção de seu cargo e de sua vida na Universidade. Ele se recusa e, ao comentar com sua filha Lucy, já em sua propriedade rural, declara: “Estamos vivendo tempos puritanos. A vida privada é assunto público.” (id.ib, p. 79). Sua filha ainda tenta alertá-lo contra essa atitude, dizendo: “Você não devia ser tão rígido. Não é nada heróico ser rígido.” (id.ib, p. 79), mas é assim que ele continua tentando se manter, rígido e apegado à antiga África do Sul. Todavia, vivendo no interior, na verdadeira África negra, depara, dia a dia, com outro tipo de organização, uma estrutura social que funciona em uma dinâmica diferente.

Na narrativa, a personagem Petrus opõe-se diametralmente a David Lurie. David é branco; Petrus, negro. David é urbano; Petrus, rural. David é o Outro; Petrus, o outro; David quer manter o mundo estático, enquanto Petrus está em movimento. Assim, nessa tentativa de manter as coisas como são, ou eram, apesar de ouvir sua filha dizer, em relação a Petrus, que: “Petrus é o meu novo assistente. Na verdade, desde março ele é meu sócio.” (id.ib, p. 74), quando D. Lurie encontra Petrus, não é sobre sua sociedade com Lucy que ele procura conversar. Ele o encaixa em um lugar que acha possível e adequado para um “africano”, é por isso que não pergunta, mas afirma: “Você cuida dos cachorros” (id.ib, p. 76). Ao que Petrus responde: “‘Cuido dos cachorros e trabalho no jardim. É.’ Petrus abre um grande sorriso. ‘Sou jardineiro e cachorreiro.’ Pensa um pouco. ‘Cachorreiro’, repete” (id.ib, p. 76). A fala de Petrus, seu sorriso, sua pausa, permitem observar que, apesar de confirmar sua posição como

cachorro, ele não se vê da maneira como o vê Lurie, ele já possui um pedaço de terra e provavelmente já tem outros planos, mas deixa que o “Outro” continue a vê-lo como o serviçal, o homem que cuida dos cachorros. David Lurie e Petrus pertencem à mesma geração, ambos viveram toda a vida sob o regime do Apartheid, Petrus conhece o discurso que o relegou ao espaço de outro, diminuído, inferior, mas tendo consciência de suas possibilidades com o fim do Apartheid e das restrições impostas aos negros sul-africanos, prefere avançar silenciosamente, dispondo-se mesmo a alianças com esses ex-colonizadores, seus antigos opressores e algozes.

Em determinado momento do romance, Lucy e D. Lurie são atacados, em sua propriedade, por três homens negros e Lucy é estuprada por eles. Enquanto ocorre o estupro, Lurie é agredido e mantido trancado no banheiro. Antes de irem embora, os homens jogam álcool em Lurie e ateam fogo. Recuperando-se do ataque, Lurie começa a se dar conta de sua atual posição de fraqueza e percebe que seus conhecimentos, seus recursos (como o conhecimento do italiano e do francês), de nada valem na África negra, vê-se então: “desamparado, um alvo fácil, um personagem de cartoon, um missionário de batina e capacete esperando de mãos juntas e olhos virados para o céu enquanto os selvagens combinam lá na língua deles como jogá-lo dentro do caldeirão de água fervendo.” (id.ib, p. 111).

Mesmo enxergando-se em posição inferior, Lurie ainda utiliza a noção Outro/outro, comparando-se ao “missionário”, evoluído, que deverá ser cozido para o ritual de antropófagos selvagens, que não vivem sob nenhuma lei. O que ocorre, de fato, é uma continuação de sua queda, que se iniciou com a perda do cargo, pela incapacidade de adaptação à nova realidade. Agora, o outro vem cobrar a dívida, hipótese que é posteriormente considerada por Lucy. Eles vêm buscar o que aprenderam a cobiçar do Outro na relação colonial. O dinheiro, o carro, a mulher branca... Prossegue assim, a queda de Lurie, que passa também a olhar com maior desconfiança para Petrus.

A ausência do “cachorro” no momento do crime, faz dele, aos olhos de Lurie, um cúmplice. É também assim que vê o fazendeiro alemão vizinho de Lucy, o único outro dono de terras branco da região. Ele diz sobre a ausência de Petrus: “Não se pode confiar em nenhum.” (id.ib, p. 127). Lurie, por sua vez, expressa sua desconfiança e raiva de Petrus da seguinte maneira:

Até agora, Petrus não deu nenhuma explicação para sua ausência. Petrus tem o direito de ir e vir como quiser; e ele exerceu esse direito; tem direito ao seu silêncio. Mas a pergunta permanece. Petrus sabe quem são os estranhos? Será que foi por alguma coisa que Petrus disse que escolheram Lucy como vítima e não, digamos, Ettinger? Petrus conheceria de antemão os planos deles? (id.ib, p. 134).



A expectativa de Lurie é de que Petrus se comporte como um serviçal, um subalterno, que lhe deva obediência e que lhe tenha temor, que se mantenha na posição de colonizado e que permaneça vivendo, de certa forma, sob o regime do Apartheid, tendo direitos sempre menores e menos importantes que o dos brancos colonizadores. Ele se mantém ligado ao modo de vida tradicional da velha África do Sul e lembra com certo saudosismo a maneira como as coisas eram resolvidas no antigo regime, refere-se ao tempo do Apartheid como “os velhos tempos” e reflete: “Nos velhos tempos dava para acertar tudo com Petrus. Nos velhos tempos dava para acertar as coisas a ponto de perder a paciência e demitir e contratar outro no lugar.” (id.ib, p. 135).

O que se infere, portanto, é que nos velhos tempos, em que Petrus seria realmente apenas o “cachorro”, seria possível tomar qualquer tipo de atitude contra ele, o outro, desprovido de posses, de meios de produção, do direito de ir e vir. Ele poderia ser demitido pelo simples fato de não saber algo ou de ter silenciado, mas, no momento da narrativa, isso não é mais possível. Lurie tenta encontrar uma definição para a nova posição de Petrus no mundo: “É difícil dizer o que Petrus é em termos estritos. A palavra que parece servir melhor, no entanto, é vizinho. Petrus é um vizinho que acontece de vender seu trabalho porque lhe é conveniente...” (id.ib, p. 135). Percebe, assim, que a condição de Petrus não é mais a de um outro colonizado. Na África pós-apartheid, ele possui direitos, individualidade e esses direitos tomam parte do espaço do poder que apenas brancos, como Lurie, possuíam nos “velhos tempos”. Continua, assim, a perda de poder de D. Lurie, sua queda. Ele começa, então, a entender: “Vivem em um mundo novo, ele, Lucy e Petrus.” (id.ib, p. 135). Entende que seu antigo mundo conhecido não mais existe, mas não consegue fazer sentido desse novo mundo em formação, não encontra seu lugar e se sente perdido.

Mesmo com sua desconfiança em relação a Petrus e devido também à impossibilidade de uma solução à velha moda, Lurie passa a trabalhar junto a Petrus na fazenda, tanto para ajudar sua filha (que passa a mostrar-se imobilizada após o estupro, abandonando os trabalhos da fazenda), quanto para ocupar seu tempo. O fato de trabalhar junto a Petrus, cria entre eles certa proximidade e a diminuição da relação hierárquica. Essa aproximação, impensada durante o Apartheid, resulta até em certa simpatia de Lurie com relação a Petrus. É fato que ele ainda o enxerga como a outra ponta da dicotomia Outro/outro, mas também o admira, enxerga coisas em comum: são da mesma geração, são homens... Ele, até mesmo, admite a possibilidade de vir a gostar dele. No entanto, mesmo tendo em mente essa ligação, David continua vendo Petrus pelo filtro do preconceito, nesse caso, um preconceito ligado também à oposição homem do campo vs. homem da cidade: “Matreiro e dissimulado e sem dúvida mentiroso também, como os camponeses de qualquer lugar. Trabalho honesto e Tramóia honesta” (id.ib, p. 136). Lurie, ao começar a entender sua perda de poder na nova África do Sul, passa

também a enxergar o avanço de Petrus, não o vê mais como um cachorro e sim como alguém “que não vai se contentar em arar para sempre seu hectare e meio... para Petrus Lucy é ainda café-com-leite: uma amadora, uma entusiasta da vida rural, não uma fazendeira. Petrus gostaria de ficar com a terra de Lucy” (id.ib, p. 136).

A personagem de Petrus, por sua vez, vista, anteriormente, por D. Lurie como o outro, o serviçal, o desprovido, o traiçoeiro, vai crescendo; assumindo silenciosamente sua posição de poder. Para Lurie, Colonizador, o Outro superior, detentor do poder e da superioridade (idéia reforçada pelas décadas de Apartheid), Petrus é um usurpador. Ele quer tomar as terras de Lucy, quer amedrontá-la e subjugá-la. Apegando-se aos seus direitos de colonizador, Lurie ainda se recusa a admitir que sua antiga posição na África do Sul já não pode mais se sustentar. É preciso uma nova postura, é preciso criar novas relações, antes impensadas. Em *Desonra*, os caminhos de D. Lurie e de Petrus mostram que a relação tradicional Outro/outro está se invertendo. Há, talvez, a possibilidade de se alcançar um ponto de equilíbrio. No entanto, durante o tempo específico dessa narrativa, o que se pode ver são apenas tentativas de adaptação, de reacomodação.

O movimento de ascensão de Petrus pode ser percebido desde a primeira vez em que Lucy fala sobre ele ao pai. Ela explica que ele era seu assistente, mas que recentemente passou a sócio. Petrus mora no estábulo, mas está construindo uma casa. Ele é o outro do período do Apartheid, mas, com as novas possibilidades de acesso aos meios de produção e à posse da terra, retoma seus direitos de indivíduo, voltando a ter poder sobre sua vida, sua terra, seu país.

O encontro das duas trajetórias, a queda de D. Lurie e a ascensão de Petrus pode ser observado quando o primeiro reflete sobre sua nova atividade, auxiliar Bev Shaw (amiga de Lucy que trabalha em uma clínica veterinária e lida voluntariamente com um serviço de proteção aos animais), no sacrifício de animais não adotados nem resgatados pela comunidade: “Um cachorro, Petrus se intitulou certa vez. Bom, ele agora se transformou em cachorro: um agente funerário canino; um psicopompo; um *harijan*.” (id.ib, p. 166). Como bem observa Lurie, Petrus foi um cachorro, hoje ele o é. Para Lurie, seu ofício de cachorro é algo que nenhum outro idiota se dispõe a fazer e para ele: “Isso é que está virando: idiota, maluco, miolo mole.” (id.ib, p. 166). Lurie ocupa o lugar de Petrus, o lugar menor que era reservado ao outro. A nova África do Sul não determina mais que essas tarefas menores sejam realizadas pelo outro. O antigo Colonizador pode desempenhar essas tarefas, encontrar-se nesse papel. É o que também se percebe em relação ao papel que Lucy escolhe para ela na sociedade, um papel que não é papel do branco na tradição sul-africana: o papel de trabalhadora rural, que executa, nas palavras de Lurie: “Trabalho braçal; trabalho de camponês, imemorial. Sua filha está se transformando em camponesa.” (id.ib, p. 243). O estranhamento de Lurie quanto à opção

de sua filha por esse tipo de atividade, deve-se ao fato de que na África do Sul conhecida por ele, o trabalho braçal sempre havia sido reservado aos não-brancos, aos outros inferiores. Sua filha, entretanto, opta por esse estilo de vida. Diverge da maneira com que seu pai reage frente às mudanças e as novas possibilidades apresentadas pela África do Sul pós-apartheid, Lucy se adapta, se molda, se modifica. Lurie resiste às mudanças e se apegua aos ecos do regime do Apartheid e de seus valores. Sem ter mais apoio para esses antigos valores, prossegue então em sua queda.

Petrus, por outro lado, continua sua ascensão. O plano de se tornar proprietário de todas as terras, temor de D. Lurie, começa realmente a ocorrer. Não como uma usurpação, como Lurie poderia ter imaginado, mas como uma aliança, um casamento com Lucy que permitirá a essa mulher branca (o Outro colonizador destituído de poder), manter-se na nova África do Sul e proporcionará a Petrus um degrau a mais na sua escalada, na sua retomada de espaço e de poder. Espaço e poder que haviam sido destruídos pela constituição do outro no regime do Apartheid. Pode-se observar sua mudança de postura na conversa que ele tem com Lurie sobre a presença de Pollux (um dos homens que estuprou Lucy) na propriedade e o parentesco de Petrus com ele. Após ser pressionado por Lurie e acusado de ter mentido ao dizer anteriormente que não conhecia o rapaz, Petrus diz a Lurie que este deve ir embora do campo e afirma que Pollux é seu filho. Lurie, entre surpreso e confuso, reage à nova informação, questionando: “Seu filho? Agora ele é seu filho, esse Pollux?”, ao que Petrus esclarece, finalmente: “É. É um filho. É da minha família, meu povo.” (id.ib, p. 227). Petrus, o outro colonizado, tendo acesso aos meios de produção, à terra, voltando a ter direitos que lhes haviam sido negados pelo Apartheid, pode defender abertamente os seus.

Durante toda a narrativa, são enfatizadas a inflexibilidade e a recusa de Lurie em mudar e aceitar as mudanças. As referências incluem a dureza de seu temperamento (tão duro quanto seu crânio), seu apego às antigas formas de ver o mundo, aos “velhos tempos”, etc. No penúltimo capítulo, entretanto, após ter espancado Pollux, que espiava Lucy tomar banho, Lurie se sente envergonhado, reconhece sua violência como inútil e pensa, citando o fim de um poema de Rainer Maria Rilke: “Du musst dein Leben ändern!: você tem que mudar de vida” (id.ib, p. 235). O reconhecimento dessa necessidade surge em sua mente pela primeira vez em todo o romance e embora ele logo retorne à sua antiga disposição, considerando-se “velho demais para ouvir, velho demais para mudar” e comparando-se a Lucy que a seus olhos é “capaz de curvar-se à tempestade”, enquanto que ele não possui essa capacidade (pelo menos não sem perder sua honra) (id.ib, p. 235), a possibilidade de mudança, mesmo que remota, incerta e tímida, começa a surgir.

No último capítulo, ajudando Bev Shaw, em seu trabalho de cachorro, Lurie mostra-se profundamente identificado com um cachorro, abatido e decadente como ele, um cachorro aleijado que “tem

um quarto traseiro murcho que arrasta pelo chão” (id.ib, p. 241). O cachorro lhe faz companhia e até escuta seu trabalho inútil na ópera que pretendia fazer sobre o romance de Byron e sua amante Tereza na Itália (trabalho que o próprio Lurie reconhece como uma obra que nunca será executada, nem mesmo finalizada).

Como em todos os domingos em que Bev e Lurie sacrificam os cachorros que não são adotados ou resgatados na clínica, os dois trabalham em silêncio e Lurie, após sacrificar, com Bev, 23 cachorros (faltando apenas aquele com quem se identifica), lembra do que, uma vez, ela lhe havia dito: “*Vai ficando cada vez mais difícil.*” (id.ib, p. 246). Ele, então, faz uma reflexão que poderia ser perfeitamente ampliada, a partir da situação específica do sacrifício dos cachorros, para a sua própria situação dentro da nova África do Sul, situação de perda de privilégios e de desconforto diante de uma realidade em construção: “Mais difícil, mas mais fácil também. A gente se acostuma com as coisas ficando mais difíceis; a gente acaba não se assustando mais quando o que era o mais difícil do difícil fica ainda mais difícil.” (id.ib, p. 246). Lurie, que havia postergado o sacrifício do cachorro até o fim, o traz para dentro da clínica e responde à Bev Shaw quando esta lhe pergunta se ele vai desistir do cachorro: “É. Vou desistir.” (id.ib, p. 246). Ao aceitar o fato de que as coisas, antes, fáceis do Apartheid (para os que se encontravam do lado do Outro, superior), poderão vir a tornar-se cada vez mais difíceis, David enxerga que a aceitação dessas dificuldades pode, na verdade, tornar as coisas mais fáceis e decide, assim, desistir de seu antigo eu, sacrificando-o, do mesmo modo como sacrifica o cachorro com quem se identifica.

Concluindo a análise da relação entre as personagens David Lurie e Petrus na narrativa de *Desonra*, de J. M. Coetzee, algo que se pode apreender, de fato, é que ela se encontra profundamente permeada pela outremização, construída durante todo o processo de colonização da África do Sul e por todas as atrocidades cometidas no período do Apartheid. Nessa relação, o olhar de Lurie enxerga em Petrus o outro, o colonizado do passado, e tenta mantê-lo nesse lugar, mantendo-se também, dessa maneira, no seu lugar habitual, de ser superior, de colonizador, de Outro, que determina as regras e detém todo o poder. O comportamento de Lurie, apegado às tradições que mantiveram os negros em condições subumanas na África do Sul, mostra-se como um eco dessas tradições segregacionistas. Coetzee, ao apresentar o saudosismo sentido por Lurie pela posição de poder e conforto usufruída pelos brancos no período do Apartheid, aponta para uma das razões pelas quais esse regime de tantas atrocidades pôde se manter por tanto tempo nesse país africano de maioria negra: A convivência de pessoas como Lurie (intelectuais, representantes de uma classe capaz de reivindicar mudanças), que se beneficiavam do Apartheid, mesmo não participando ativamente das atrocidades do regime. Essas pessoas repetiam incansavelmente o discurso de outremização, favorecendo, assim, a continuidade do regime que garantia a manutenção de privilégios irrestritos, a despeito do horror causado aos outros.

Todavia, além dessa responsabilização indireta dos intelectuais, representados no romance por D. Lurie, pela manutenção do Apartheid, a narrativa também mostra, nessa nova África do Sul, uma capacidade de regeneração, de retomada. Petrus, um homem de meia idade, vítima da construção discursiva da outremização (conhecedor dessa construção que relegou o negro sul-africano à posição de outro por séculos), passa a conhecer também todas as possibilidades que se abrem para ele com o fim desse regime, enxerga com clareza seu direito de usufruir dessas possibilidades, e parte em busca desse direito. Desde o princípio, permite que Lurie o enxergue como “cachorreiro”, mas tem clara consciência que esse papel de subalterno não é mais necessariamente o que lhe reserva a nova África do Sul. Petrus trabalha para adquirir um espaço que lhe é de direito e para obter esse espaço propõe alianças novas e inusitadas na história do seu país, como a proposta de casamento feita à Lucy.

No que diz respeito a Lurie, o romance apresenta sua resistência em aceitar os novos tempos do pós-apartheid, seu apego às tradições e expõe, durante grande parte da narrativa, sua incapacidade de compreensão e de adaptação a esse novo momento do país. Essa incapacidade de adaptação não é de se admirar, visto que a personagem está saindo de um regime autoritário, de normas rígidas, mas claras, e que lhe forneciam uma posição favorável. Ele sai desse regime e entra em um mundo em reconstrução em que as regras ainda não estão definitivamente estabelecidas e em que oprimido e opressor precisarão viver juntos, não mais separados.

Devido a sua incapacidade e rigidez, a trajetória de Lurie segue em queda profunda, enquanto a de Petrus apresenta-se em um movimento ascendente constante. Ao fim do romance, entretanto, percebe-se que Lurie, finalmente, compreende a impossibilidade de se manter rígido e imutável, se quiser sobreviver na África do Sul pós-apartheid. Nessa nova África do Sul, será preciso, ainda, desconstruir a dicotomia Outro/outro e recriar novas relações entre antigos Colonizadores e colonizados. Para Lurie, especificamente, será preciso aceitar outros valores, diferentes daqueles que sustentaram sua vida durante o regime do Apartheid. Sendo assim, é com o sacrifício do cachorro com quem havia mantido um alto grau de identificação (um cachorro manco, sofrido, mas que ouvia sua ópera sobre Byron e que, de certa forma, o “entendia”), que Lurie dá o primeiro passo na direção dessa aceitação; ao sacrificar o cachorro, ele sacrifica seu antigo eu, o Outro Colonizador, e se dispõe finalmente a aceitar as dificuldades da reconstrução da África do Sul, dos brancos ainda, mas também, pouco a pouco, dos negros.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Elis Regina Fernandes. *Outremização e Revide de Colonizado e Colonizador em The Narrative of Jacobus Coetzee (1974), de J.M. Coetzee* (Dissertação de Mestrado), Paraná: Universidade Estadual de Maringá, 2006.

ASHCROFT, B. et al. *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.

COETZEE, J. M. *Desonra*. Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed., 2000 (Ed. original 1999).

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEGUM, C. et al. *Africa Handbook*. Middlesex, England: Penguin Reference Books, 1969.

KWAME, Anthony Appiah et GATES, Henry Louis Jr. (Editors). *Africana: The Encyclopedia of the African and African American Experience*, 1999. Disponível em: <http://www.africanaencyclopedia.com/apartheid/apartheid.html>. Acesso em: 09/06/08.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO, *Apartheid – its effects on education, science, culture and information*. Paris: UNESCO, 3<sup>rd</sup> impression, 1969.

Recebido em 22 de março de 2009

Aprovado em 22 abril de 2009